



GÊNEROS DE TEXTOS PARA CRIAR ROTEIROS DE CURTAS-METRAGENS DE FICÇÃO E TRABALHAR A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO¹

Alcione da Silva Santos²

Escola Cidadã Técnica Estadual (ECIT) Ministro José A. de Almeida

Escrever filmes em contextos escolares

Nesse trabalho, vamos relatar nosso processo de criação de roteiros de curtas-metragens de ficção que inicialmente surgiu a partir da adaptação de textos literários e, depois, passou a acontecer a partir de histórias originalmente criadas por nossos estudantes. O leitor que nos acompanhar por essas linhas, saberá como é possível criar roteiros originais para filmes curtos de ficção a serem produzidos na escola.

A origem de tudo ocorreu no ano de 2012, quando a escola onde trabalhamos adquiriu uma câmera que filmava em alta resolução. O repasse dessa informação aos estudantes de duas turmas da primeira série do Ensino Médio, foi feita junto com um convite feito por nós a eles: “Vamos fazer um filme?” A empolgação com que a proposta foi aceita e o envolvimento deles no projeto, fez com que tomássemos gosto pela produção de vídeos em contexto escolar e, progressivamente, procurássemos formas de integrar esse trabalho aos conteúdos do componente curricular Língua Portuguesa.

Por causa disso, passamos a participar de festivais, nos quais frequentávamos oficinas de produção audiovisual e, na esfera acadêmica, continuamos estudando e pesquisando não só os gêneros de textos³ possíveis para criar um filme, mas as suas

¹ Esse texto é parte da pesquisa realizada para o nosso doutoramento pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concluída em 2021 sob a orientação da Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira.

² O autor deste relato é doutor e professor da rede pública do Estado da Paraíba, onde leciona o componente curricular da Língua Portuguesa.

³ Em nosso trabalho, adotaremos os termos “textual” e “de texto” para especificar o substantivo gênero em função apenas da necessidade de diferenciá-lo de uma infinidade de outras configurações possíveis nas diversas áreas da atividade humana. Com a referida escolha, não pretendemos sugerir o desprestígio dos termos “discursivo” e “do discurso”, pois entendemos que todo gênero possui uma dimensão textual e outra discursiva. Em outras palavras, não há gênero sem texto e nem sem discurso. Preferimos, pois, os adjuntos adnominais “de texto” e “textuais” para caracterizar, especificar e diferenciar o substantivo gênero de outros contextos em que essa palavra é usada, tal como ocorre em gênero musical, gênero humano, gênero literário, entre muitos outros.



particularidades enunciativas, o que nos levou ao curso de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Inicialmente, usamos o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, pois encontramos nessa obra um texto já escrito no gênero dramático e, segundo acreditávamos, isso facilitaria as filmagens, uma vez que as cenas já estavam prontas e, restaria apenas fazer um recorte que mantivesse a coerência do texto original.

A continuidade desse trabalho no ano seguinte, levou-nos a propor aos alunos a adaptação do texto *A cartomante*, de Machado de Assis (1998). O manejo com o conto escrito pelo “Bruxo do Cosme Velho” deu-nos a oportunidade de intuir que um curta-metragem, se nascido de uma narrativa em prosa, precisava de um gênero intermediário entre o texto de origem e o roteiro.

Mas essa intuição era, àquela altura, uma ideia “cinzenta e desmaiada” como disse Machado em *O Enfermeiro* (MACHADO DE ASSIS, 1998), posto que não a compreendíamos plenamente e não conhecíamos o conceito de retextualização adotado por Oliveira (2001). Segundo essa autora, o constructo teórico em referência compreende um conjunto de operações e atividades que fundamentam a passagem de um gênero texto escrito para outro.

Isso posto, explicamos que nosso processo de escrita do roteiro se dá a partir de dois gêneros anteriores a ele: a sinopse e a escaleta. Passamos, pois, a relatar de que forma construímos esses três gêneros em contexto de aulas de produção textual do componente curricular Língua Portuguesa. Assim, daqui para frente nosso texto terá três seções correspondentes a cada um dos gêneros de texto já citados e usaremos como exemplos para nossa exposição os dados analisados em nossa tese de doutoramento (SANTOS, 2021). Finalizaremos com uma quarta seção, em que fazemos algumas considerações acerca de um outro gênero de texto que se mostrou bastante útil para a criação do produto de nossos esforços: o filme.

No início de cada uma das próximas três seções, mencionaremos o trabalho de COSTA (2008) que é um dicionário de gêneros textuais, cujos verbetes nos oferecem um ponto de partida para nossas considerações sobre sinopse, escaleta e roteiro.

A sinopse



Segundo Costa (2008), a sinopse é a síntese de um filme ou um livro. Entre aqueles que escrevem para o cinema e a televisão, é comum, depois da sinopse, escreverem um argumento que é um gênero de texto caracterizado por trazer uma apresentação escrita, geralmente sucinta do enredo, bem como orientações técnicas para a construção do roteiro.

Assim, em nosso trabalho, preferimos escrever o primeiro gênero por entendê-lo mais conciso que o segundo. Além disso, com a sinopse, temos uma história ao mesmo tempo fechada, posto que possui as quatro partes principais do enredo, e aberta, dado que ela permite acrescentar aprimoramentos para garantir maior coerência narrativa ao texto audiovisual, a qual por sua vez vai se construindo de forma cada vez mais coesa quando nos aproximamos da conclusão do curta-metragem. Antes disso, tudo pode ser modificado.

Figura 01- Os alunos escrevendo a sinopse.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Assim, para chegar a primeira versão da sinopse, partimos da necessidade de construir um enredo com quatro partes narrativas que, conforme explica Labov (1978), são as seguintes: a orientação, a ação complicadora, a resolução e a avaliação. Desse modo, para auxiliar os alunos a escrever seus textos, nós os reunimos em grupos, distribuimos entre eles um comando de produção textual que contém as seguintes orientações:



Orientação (Quando? Onde? Quem?)

Quando se passa essa história? Onde se passa essa história? Quem é o personagem principal? Quantos anos ele tem? Quem são seus amigos? Como é o temperamento dele? Qual é a sua aparência? O que ele mais gosta de fazer? Onde precisa ou quer chegar? Ele teve alguma ideia recentemente?

Ação complicadora

O que (ou quem) se coloca entre o personagem e seu objetivo? Por que essa barreira atrapalha o personagem? O que o personagem pode fazer para superar essa dificuldade?

Resolução

O personagem superou a barreira? Como? Ele conseguiu isso sozinho ou alguém o ajudou? Depois de superar a barreira o que o personagem fez?

Avaliação

O personagem alcançou seu objetivo? Se sim, por quê? Se não, por quê?

(Exemplo 1 – Proposta de produção textual)

Depois que distribuimos as perguntas acima, informamos aos alunos que eles poderiam formar equipes de trabalho para escrever apenas um texto e isso foi feito em função da necessidade de colaboração mútua com o fim de entregar uma história criada a partir do consenso dos integrantes do grupo. Além disso, nós os orientamos no sentido de desobrigá-los a responder a todas as perguntas, bem como a acrescentar outras informações caso julgassem necessárias.

Depois que os estudantes nos devolvem o trabalho escrito por eles, nós os informamos que o texto será digitado e distribuído para toda a turma de forma anônima. Nesse momento, eles serão novamente organizados em equipes de trabalho a fim de preparar uma apresentação do texto escrito para os demais estudantes e para uma banca de professores que vai escolher o texto a ser filmado por toda a turma. A necessidade dessa seleção justifica-se pelo objetivo de envolver todos os integrantes da sala na produção de um único curta. No ano de 2019, esse processo resultou na seguinte sinopse:

Uma menina de 16 anos chamada Sara, morava em uma casa distante no meio da estrada. Todos os dias caminhava até a escola. Era solitária, não tinha amigos por acharem ela estranha.

Com o tempo ela foi crescendo e sempre que estava na escola acontecia coisas estranhas e todos debochavam dela.

Ela era uma menina esquizofrênica, que escutava vozes e via vultos.

Certo dia seu professor falou: Sara vá ao auditório pegar uns papéis!

Sara foi, entrou no auditório e quando pegou os papéis, as luzes começaram a acender e a apagar, começou a escutar vozes e risadas.

Sara começou a correr, subiu as escadas e passou em um corredor as portas se trancaram e o corredor não tinha saída, ela se desesperou, parecia alucinada, começou a gritar, se ajoelhou no chão com as mãos no ouvido com aquele som irritante, fechou os olhos e quando abriu as portas tinham se



aberto, as vozes já não escutavam mais, apanhou as folhas do chão, se dirigiu a sua sala e disse: professor olha aqui as folhas. Quando o professor virou, já não era mais o mesmo, Sara o viu como um demônio querendo-a matar e saiu correndo.

No outro dia Sara encontra um livro velho empoeirado em um prateleira ela abriu o livro na página que estava marcada e ao ler, começou (a luz apagou) quando acendeu uma menina toda de branco está em sua frente e dizia (com uma voz estranha) não tenha medo eu sou sua amiga, SUA ÚNICA amiga, venha comigo, você não pertence a esse mundo, você é minha agora, HA HAHAAAAHA (as luzes se apagam novamente) e ao acender não havia ninguém só o livro jogados ao chão.

(Exemplo 2 – sinopse de “O silêncio de Sara”⁴)

Depois de digitada e distribuída aos alunos, a etapa seguinte foi transformar a sinopse no gênero seguinte do nosso processo criativo.

A escaleta

No que tange à escaleta, não existe um verbete para esse gênero no trabalho de Costa (2008). Em função disso, para elaborar o conceito do gênero em referência, buscamos a definição de cena, proposto por Gerbase (2012) para quem essa é “o conjunto de planos que acontecem no mesmo lugar e no mesmo momento” (*Op. cit.*, 2012, 92) ou, para dar aos alunos uma explicação inicial mais simplificada, podemos dizer que cena é o conjunto de ações passadas num mesmo lugar e tempo. Assim, com vistas a compreensão do conceito de escaleta, fixamos que esse gênero é usado para criar o resumo de cada cena e favorecer o desenvolvimento do roteiro.

Para exemplificar nossas explicações, assistimos ao curta *O meio do mundo* (VILAR, 2005); duas vezes, na primeira; fizemos uma exibição fluída de todo o filme e; na segunda, nós o vimos de modo pausado, apontando cada uma das cenas do filme.

Depois disso, para viabilizar a escrita do gênero escaleta, explicamos aos estudantes que sua produção seria colaborativa e a faríamos lendo a sinopse escolhida destacando as informações de tempo e lugar, posto que, elas denotam a existência diferentes cenas no futuro roteiro. Para indicar como isso acontece, vamos utilizar o primeiro parágrafo do texto posto no exemplo anterior, para demonstrar como ele foi retextualizado em escaleta e depois em roteiro.

⁴ O filme produzido a partir desta sinopse está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sdy-ejvQ0o0&t=75s>



Uma menina de 16 anos chamada Sara, morava em uma casa distante no meio da estrada. Todos os dias caminhava até a escola. Era solitária, não tinha amigos por acharem ela estranha.

(Exemplo 3 – 1º parágrafo de “O silêncio de Sara”)

Fizemos a leitura do texto com os alunos demonstrando que no exemplo acima está indicado explícita ou implicitamente três locais e uma escala de tempo, quais sejam: a casa onde Sara mora, o seu caminho até a escola (repetido em mais de um dia), e o interior do colégio onde ela estuda. Por sua vez, com as referidas informações, construímos as seguintes cenas.

Cena 1: No meio de uma estrada distante, morava uma menina de 16 anos.

Cena 2: Sara caminha sozinha até a escola

Cena 3: Sara estava na escola, aconteciam coisas estranhas e todos debochavam dela.

(Exemplo 4 – Cenas iniciais de “O silêncio de Sara”, construídas a partir do exemplo 3).

Em nosso trabalho, a escrita colaborativa da escaleta cumpre dupla função: primeiro, inicia o processo de engajamento de toda a turma num filme que é coletivo e, segundo, cria a possibilidade de que lacunas narrativas sejam preenchidas na passagem de um gênero para o outro e, fazemos ainda, adaptações à sinopse original, para viabilizar o processo de filmagem. Assim, a ideia sugerida no trecho “todos os dias” visto no exemplo 3 desaparece quando se torna escaleta (exemplo 4), pois a citada expressão sugere a repetição de uma mesma cena, gravada várias vezes para criar a noção de rotina.

Ao invés disso, criamos a cena 2 que mostra um dia na vida personagem e esse, por sua vez, constitui-se uma demonstração do *bullying* sofrido por ela diariamente. Esta escolha foi feita para trazer economia e praticidade à equipe discente de produção do curta-metragem.

Temos, pois, no exemplo 4, três cenas, que no exemplo seguinte vão ganhar forma e foram retextualizadas em um fragmento do nosso próximo gênero de texto.

Figura 2 – os estudantes gravando uma cena do filme O Silêncio de Sara.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Roteiro

Segundo Costa (2008), o roteiro é um gênero resultante do desenvolvimento de um argumento que contém rubricas técnicas, cenários e todos os diálogos a serem vistos no filme. Alinhando-nos a Bakhtin (2011), preferimos chamar de itens composicionais as informações técnicas mencionadas por Costa e ensinamos aos alunos apenas aquelas que seriam indispensáveis para a compreensão do que seria filmado.

De uma forma geral nosso trabalho vem demonstrando a necessidade de os estudantes compreenderem a função do cabeçalho, das falas, da descrição das ações e dos planos que podem ajudar a compor a cena. No caso específico do exemplo a seguir, não ocorreu a construção de falas para os personagens, vejamos:

Cena 1 - Casa de Sara. Exterior/manhã
Sara sai de casa, ela caminha pelas ruas da cidade, chega à escola e entra pela porta principal.

Cena 2 - Pátio da escola. Interior/manhã
Sara passa pelo interior da escola e é xingada por alguns alunos.

(Exemplo 5 – a 4ª versão das cenas iniciais do roteiro de “O silêncio de Sara”).

Os estudantes usaram o cabeçalho para separar as cenas, numerá-las e indicar, conforme se faz usualmente; bem como o local onde elas devem ser ambientadas e a luz



do espaço exterior ou interior seguido da informação descritiva do horário em que ação acontece. Depois disso, o exemplo 5 é constituído por ações da personagem.

Figura 3 – Os estudantes preparando a produção de uma cena.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Como é possível observar, comparando os exemplos 4 e 5, três cenas da escaleta se tornaram duas no roteiro. Isso ocorreu para simplificar o processo de filmagem, pois no processo de escrita colaborativa um dos estudantes indicou que seria mais fácil se a protagonista fosse filmada saindo da casa onde mora e caminhando pelas ruas da cidade até a escola em que estuda. Dessa forma, a cena um ficou mais longa e decomposta em planos, os quais não precisam obrigatoriamente ser descritos pelos autores do roteiro.

A última cena do exemplo 5, começa quando a protagonista entra no interior do colégio e abandona o espaço externo anterior, a rua. Nesse momento, poderíamos ter atribuído falas aos personagens secundários “alunos” para caracterizar agressões verbais sofridas por Sara, mas preferimos deixar que esse dizeres fossem improvisados pelos estudantes na hora da gravação da cena.

Roteiro pronto, e agora?

Existem muitos processos criativos utilizáveis para levar um filme às telas. Neste trabalho, procuramos expor, ainda que sucintamente, um desses processos, partindo de



uma proposta de produção textual orientada pela criação de uma sinopse, retextualização dela em escaleta e dessa última em roteiro. Parece-nos oportuno por em evidência que o ensino da escrita se dá pela reescrita e é fortalecido pela colaboração entre os envolvidos no projeto, os quais utilizam-se de gêneros de textos culturalmente aceitos e usados em uma dada esfera da atividade humana.

Elaborada essa proposta, cabe testá-la e refletir sobre ela, sobre os ganhos possíveis a partir de sua utilização no ensino da educação básica e, perguntar-se: entre o roteiro e o filme quais outros gêneros de texto existem? E quais podem ser levados à sala de aula?

Nossa prática com a produção de textos audiovisuais sugere que um desses textos é o *storyboard*, pois sua produção parece instigar os estudantes a pensar as cenas decupadas em detrimento de uma narrativa, constituída pela justaposição de breves planos-sequência. Fazendo isso, poderíamos retomar o conceito de cena proposto por Gerbase (2012) e aqui discutido, bem como levar os estudantes a refletir sobre os significados construídos a partir desse constructo no texto audiovisual.

Mas esse é assunto para futuras pesquisas e reflexões.

. Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad, Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 261 a 306 pp.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GERBASE, C. **Cinema**: primeiro filme - descobrindo, fazendo e pensando. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

MACHADO DE ASSIS, J. M. O enfermeiro. In: **Contos uma antologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O MEIO do mundo. Direção: Marcus Vilar. João Pessoa, PB, 2005. (11min28seg col).

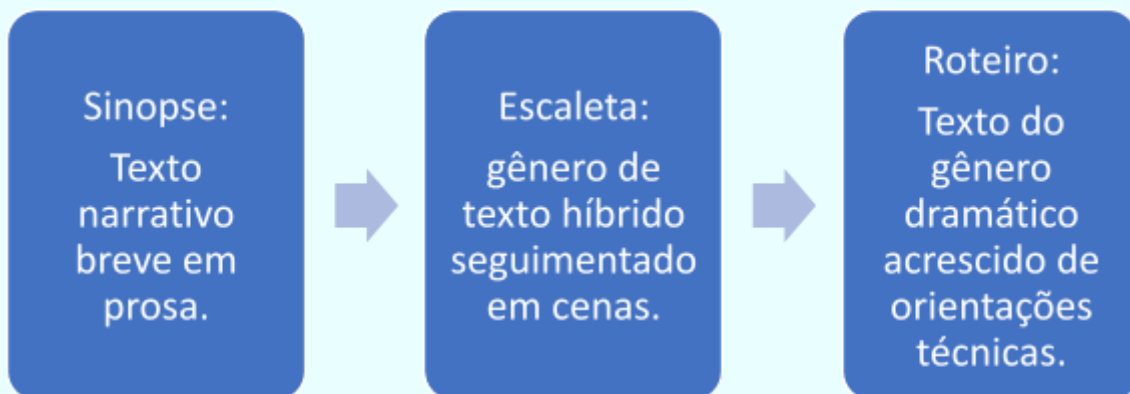
O SILÊNCIO de Sara. Direção: Bruna Kelly da Costa. Areia, PB, 2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=sdy-ejvQ0o0&t=75s> Acesso em: 1 jun. 2020. (7min57seg col).



OLIVEIRA, M. S. Produção escrita e ensino: o texto como uma instância multimodal. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO, 4, 2001. **Anais [...]** Campinas, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/maria_do_socorro_oliveira.htm. Acesso: 15 fev. 2021.

SANTOS, A. S. **O processo de escrituração do gênero curta-metragem como ferramenta de desenvolvimento da consciência crítica.** 2021. 215 f. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2021.

Sugestões de ilustrações (feitas com o “*smart art*”)



Sugestão de ilustração

